

15

2015

Revista
de História
da Sociedade
e da
Cultura

Século de Ouro
Siglo de Oro

CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE E DA CULTURA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Alcalá 2015: *Lupas Internacionais e Perguntas Inquisitoriais a Debate*, “Nuevas Fronteras, III Simposio Internacional de Estudios Inquisitoriales”. Faculdade de Derecho-Universidad de Alcalá, 10-12 de junio de 2015

Organizado conjuntamente por distintas instituições académicas e ministeriais extra-europeias e nacionais, decorreu na Faculdade de Direito da Universidade de Alcalá de Henares (Espanha) o III Simpósio Internacional de Estudios Inquisitoriales, *Nuevas Fronteras*, nos dias 10-13 de Junho de 2015. Depois dos encontros de 2011 e de 2013, eis outro momento de debate e de troca de experiências de pesquisa sobre uma instituição chave do Antigo Regime, que marcou de maneira profunda a(s) História(s) das Penínsulas Ibérica e Italiana, de outros Países da Europa, assim como dos impérios de Ultramar, alcançando vários espaços da América, tanto portuguesa como espanhola, da África e da Ásia.

Para preparar o novo evento científico, foram necessários muitos meses – até anos – de trabalho por parte do comité científico e organizador, no qual se pôde contar com a experiência e o espírito de iniciativa de especialistas ligados a centros universitários e académicos, brasileiros, italianos, espanhóis, mexicanos, ingleses, portugueses, franceses, chilenos, etc. (Anita Novinsky, U. São Paulo; Anna Foa, U. Roma La Sapienza; Carmen Sanz Ayán, U. Complutense Madrid; Fernanda Olival, U. Évora; Francisco Bethencourt, King’s College de London; Gabriel Torres Puga, Colegio de México; Geraldo Pieroni, U. Tuiuti do Paraná; Giuseppe Marcocci, U. Tuscia; Ignacio Panizo Santos, AHNM; Irene Fosi, U. Chieti-Pescara; Jean Pierre Dedieu, CNRS,-Toulouse-Lyon; José Pedro Paiva, U. Coimbra; Lina Gorenstein, Museu da Tolerância, U. São Paulo; Manuel Peña, U. Cordoba; Raphaël Carrasco, U. Paul-Valéry, Montpellier 3; René Millar Carvacho, Pontificia U. Católica de Chile; Ruth Fine, Hebrew University of Jerusalem).

Os dias do evento foram abertos pelas três conferências *Inquisición y profesionalización. La Inquisición española en su contexto internacional; El Santo Oficio: nuevos interrogantes, nuevas respuestas; La Inquisición y la escritura de los conversos*, proferidas respectivamente pelos professores Jean-Pierre Dedieu (CNRS Toulouse-Lyon), Doris Moreno (U. Autónoma de Barcelona) e Ruth Fine (Hebrew University of Jerusalem). Especialistas que começaram a trabalhar sobre o assunto inquisitorial abrindo novos caminhos sobretudo nas últimas décadas do século passado, e que em Alcalá inauguraram os três

dias, articulados em 9 simpósios temáticos e 11 mesas redondas, num total de 106 comunicações e 44 propostas de discussão. Um programa denso, que foi acrescentado com o lançamento de novos livros editados na Europa e no Novo Mundo, e ainda com a apresentação de um documentário divulgativo e respectivo DVD sobre o tribunal inquisitorial de Llerena.

O comité científico e a comissão organizadora (Juan Ignacio Pulido Serrano, U. Alcalá, Marco António Nunes da Silva, U. Federal do Reôncavo da Bahia, Susana Bastos Mateus, Cátedra Estudos Sefarditas, U. Lisboa, U. Evora; Edilece Souza Couto, U. Federal da Bahia, François Soyer, U. Southampton; Isabella Iannuzzi, U. Roma La Sapienza; Miguel Rodrigues Lourenço, CEHR, U. Católica Portuguesa, CHAM U.Nova Lisboa; Suzana Maria de Sousa Santos Severs, U. Estado da Bahia) pretenderam favorecer o encontro dialógico entre historiografias de nacionalidades distintas, conforme evidenciava a capa do programa e das suas cinco traduções do lema do III Simpósio: *New frontiers, Nouvelles Frontières, Nuevas Fronteras, Novas Fronteiras, Nuove Frontiere*. Ao mesmo tempo – conforme sugeria possivelmente a capa com a planta da Inquisição de Goa – decidiu abordar novos espaços territoriais quer europeus quer de além mar, seja periféricos seja centrais; para penetrar, finalmente, ambientes quase desconhecidos até hoje, manejando fontes documentais pouco trabalhadas, dispersas ou trilhadas com novas perguntas. Realmente eram muitos os universos que gravitavam em torno da(s) Inquisição(ões): uma instituição multifacetada, e que funcionou ao mesmo tempo como tribunal, como centro de poder e de promoção social, como sinal de distinção ou de infâmia seja pelos juízes, seja pelas suas vítimas. Os tribunais da fé e da ortodoxia eram controlados por homens, por grupos selectos, centrados sobretudo nos espaços urbanos. Contudo, a sua extensão foi capilar, ramificada, projectando os seus olhares sobre uma heterogeneidade de homens e mulheres; sobre pessoas ou objectos, como livros e imagens; entre cidades e espaços diocesanos controlados por distintas autoridades civis e/ou eclesiásticas.

Nesse quadro pode-se inserir a Mesa 2, *Inquisição e Episcopado: novas perspectivas*, coordenada por Daniel Norte Giebels e Matilde Santos, jovens mas experientes investigadores do CHSC, Faculdade de Letras da U. Coimbra e do CHAM, U. Nova de Lisboa. Ambos, além de apresentar próprias comunicações (*Vicissitudes da relação entre Inquisição e o episcopado: o caso de D. Miguel de Castro (?-1625; Inquisição e poder episcopal em Cabo Verde (XVI-XVII)*)), moderaram também o participado debate, a seguir à apresentação das pesquisas de outros colegas como Josival Nascimento, CHSC, (*A relação ente D. João de Melo, bispo de Coimbra (1684-1704)*), e Ana Ruas Alves,

CEHR, (*O Episcopado e a Inquisição: dois poderes em sintonia ou em confronto? D. frei Inácio de Santa Teresa, um bispo jacobeu entre 1721 e 1751*). O grupo conimbricense pretendeu nortear objectivos claros e aliciantes. Com efeito, além de apresentar áreas lusas distintas, alcançando uma visão global do conjunto de poderosas instituições que se debatiam a hegemonia jurisdicional ou de imagem no campo religioso, mostraram diversos eclesiásticos – seja do clero regular, seja secular – com formações em cânones ou teologia; residentes ou ausentes dos espaços de jurisdição quer portugueses quer do seu império. Bispos/inquisidores que tiveram uma circularidade de carreiras em diferentes dioceses, ou que acumularam no *cursus honorum* cargos diferentes como aconteceu em alguns proeminentes exemplos da metrópole; e que foram também membros de instituições à mercê da distância como era o caso das do arquipélago atlântico, onde a Inquisição portuguesa não dispunha de uma rede de comissários e familiares, pelo menos até meados do século XVII. Com outros objectivos analíticos alguns dos elementos do grupo conimbricense participaram também ao ST4 *Inquisición e Iglesia*, coordenado pelo professor Antonio Irigoyen López, U. Murcia. O fio condutor nesse caso foi também a relação de colaboração, concorrência ou conflito que a(s) Inquisição(ões) teve/tiveram com as múltiplas instituições que formavam o corpo eclesiástico. Destacou-se o desafio de encontrar ligações comparadas entre territórios muito mais variados, como Cabo Verde, Perú, Portugal, Brasil, Roma, Goa, Inglaterra e os territórios italianos. Os títulos dessas propostas, indiciam os variados temas do debate que, a partir de casos macro, passou a focar-se em exemplificações mais circunscritas: *Taxonomias dominicanas italo-ibéricas: entre exaltação de dignidade(s) e proposta de um arquétipo* (Paola Nestola, CHSC, U. Coimbra); *The “heresies” of Giovanni Battista de Luca and Archival Sources of Roman Inquisition*, (Gian Luca D’Erri, U. Bologna); *The Inquisition in the Reign of Philip and Mary 1554-1558* (John Edwards, U. Oxford); *“Como un cuerpo sin brazos”. Aplicación y alcance de la justicia inquisitorial en los territorios virreinales surperuanos durante el último cuarto del siglo XVI* (Federico Tulio Sartori Moyano, U. Nacional de Cordoba); *D. João de Melo e Castro, Primazia e pertinacia de um inquisidor* (D. Norte Giebels); *Inquisição e franciscanos em Cabo Verde no século XVII* (M. Santos); *Cooperação espontânea e requerida entre as justiças eclesiástica e inquisitorial na vigilância e erradicação da luxúria clerical no Atlântico português (1640-1750)* (Jaime Ricardo Teixeira Gouveia, CHAM, U. Nova Lisboa-CHSC, U. Coimbra); *O processo inquisitorial de D. frei Inácio de Santa Teresa em Goa (1725-1737)*, (Ana Rúa Alves, U. Católica Lisboa). Também nessa sessão foi evidente como não só os membros da *Ordo Praedicatorum* eram

os indefessos “cães da ortodoxia”, mas um conjunto de forças e instituições como franciscanos, jesuítas, outros ministros civis e eclesiásticos que colaboraram com os tribunais do Santo Ofício.

As amplas cronologias e conjunturas específicas visadas nesse ST2, assim como a abordagem iconográfica – tratada pela investigadora do CHSC, P. Nestola – e os comportamentos luxuriosos heresiarcas do clero – propostos pelo investigador CHAM-CHSC, J. Gouveia – caracterizaram também outras reuniões de maneira mais pormenorizada, como na M5 *Las últimas inquisiciones entre Europa y América. Conflictos, estrategias y debate historiográficos* (coord. Andrea Cicerchia, U. Urbino); M3 *Inquisición y la represión de los pecados/delitos de la carne*, (coord. Luiz Mott, U. Federal de Bahia); e na ST3 *Fuentes documentales y archivos inquisitoriales* (Ignacio Panizo Santos, Archivo Histórico Nacional; Laura Lavado Suárez, U. Complutense de Madrid). Foi esse um dos simpósios mais comprido, articulado nos três dias por um total de 25 comunicações. Foram apresentadas novas fontes de muitos arquivos ibéricos, assim como os detalhados programas informáticos utilizados conforme abrangentes questionários (*Nuevas ventanas para viejas fuentes: el proyecto Post Scriptum y su tratamiento de las fuentes inquisitoriales españolas y portuguesas*, Laura Martínez Martín, Guadalupe Adámez Castro, FLUL). Do extenso ST3, destacou-se a comunicação sobre um monumento/documento da Inquisição de Sicília, Palazzo Steri em Palermo, onde as prisões guardam ainda os graffiti realizados pelos presos pela fé (*Graffiti e disegni murali nelle carceri inquisitoriali di Palermo*, Giovanna Fiume, U. Palermo). Micro-universos se desvelam através dessas invulgares fontes realizadas com os mais variados materiais além da tinta; de maneira que excrementos, esperma, pigmentos de distinta natureza e criatividade deram voz a indivíduos, cujas histórias judiciárias se podem reconstruir através das fontes processuais guardadas no AHNM. Muitas vezes através do fio nominativo – as assinaturas deixadas por esses presos enquanto “diseñavam” – podemos penetrar no *background* confessional mas também no dia-a-dia, no quotidiano, no(s) tempo(s) do mundo obscuro ou sem luz das prisões, e simultaneamente populado por santos e santas como Santa Lúcia, São Sebastião, outros santos taumaturgos ou com outras características. Um panteão celeste representado nas paredes juntamente com bispos, cavaleiros, navios ou espaços geográficos.

São inúmeros os estímulos para os novos enfoques historiográficos e para o cruzamento de dados fornecidos pelos estudos dos especialistas e historiadores que se congregaram na Universidade de Cisneros e que não podemos referir nesta curta notícia. Contudo, eis que as breves comunicações das distintas mesas e *simposia* puderam encontrar ulteriores momentos de reflexão

no decorrer dos lançamentos de estudos recém editados, apresentados entre desafiantes pequenos momentos de troca intergeracional, ou cruzando os olhares nas propostas de leitura dos livros: Isabel Drumond Braga, *Viver e morrer nos cárceres do Santo Ofício*, A Esfera dos Livros, 2015, apresentado por Fernanda Olival (U. Évora); João Furtado Martins, *Corrupção e incúria no Santo Ofício, ministros e oficiais sob suspeita e julgamento*, Centro Estudos de História Religiosa, Lisboa, 2015; Jaime Gouveia, *A quarta porta do Inferno. A vigilância e disciplinamento da luxúria clerical no espaço luso-americano (1640-1750)*, Chiado Editora, 2015, ambos apresentados por Isabel Drumond Braga (U. Lisboa); *A Inquisição de Goa. Descrita por Charles Dellon (1687)*, Estudo, edição e notas por Charles Amiel e Anne Lima, Ed. Phoebus, São Paulo, 2014, lançado pelo mesmo tradutor em português Bruno Feitler (U. Federal de São Paulo); Yllan de Mattos, *A Inquisição contestada: críticos e críticas ao Santo Ofício português (1605-1681)*, Mauad, Rio de Janeiro, 2014, apresentado por J. Ricardo Gouveia (U. Coimbra-U. Nova Lisboa); Gerardo Lara Cisneros, *¿Ignorancia invencible? Superstición e idolatría ante el Provisorado de Indios y Chinos del Arzobispado de México en el siglo XVIII*, U. Nacional Autonoma de México, 2015, introduzido por Gabriel Torres Puga (El Colegio de México).

À luz desses itinerários historiográficos é evidente como as fronteiras inquisitoriais se tornam sempre mais ténues, até desvanecer a incomunicabilidade e a falta de conhecimentos sobre as Inquisições do Mediterrâneo, denunciadas em um famoso artigo de *Annales Histoire Sciences Sociales* de 2002. Inquisições que abrangem desde o Oceano Atlântico até o Pacífico, num périplo de localizações, territórios, culturas, confissões, etnias distintas, incidindo sobre outras temáticas específicas da História, de maneira que se tornam sempre mais história(s) cruzada(s), comparada(s), global(ais), interconectada(s). Também nesse III Simpósio se ultrapassaram os limites de historiografias nacionais, favorecendo a discussão intelectual e a colaboração internacional entre historiadores: um debate muitas vezes cimentado e estimulado por uma activa pedagogia da pergunta, que dirige e dirigirá a lupa analítica de antigos ou novos investigadores.

PAOLA NESTOLA

Universidade de Coimbra / CHSC
nestolap@gmail.com